

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Cinema de Margaret Tait em Diálogo, com Peter Todd, Charlotte Wells, Ute Aurand, Roberto Rossellini, Luke Fowler
29 de Outubro de 2026

THE DRIFT BACK / 1956

Realização, Montagem, Som: Margaret Tait

Cópia 16mm, preto e branco, falada em inglês / Duração: 10 minutos / Inédito comercialmente em Portugal

A PLACE OF WORK / 1976

Realização, Montagem, Som: Margaret Tait

Cópia 16mm, colorida, falada em inglês / Duração: 31 minutos / Inédito comercialmente em Portugal

TAILPIECE / 1976

Realização, Montagem, Som: Margaret Tait

Cópia 16mm, colorida, falada em inglês / Duração: 10 minutos / Inédito comercialmente em Portugal

GARDEN PIECES / 1998

Realização, Montagem, Som: Margaret Tait

Cópia 16mm, colorida, falada em inglês / Duração: 12 minutos / Inédito comercialmente em Portugal

TOGETHER / 2018

Realização, Montagem, Som: Peter Todd

Cópia 16mm, preto e branco, falada em inglês / Duração: 3 minutos / Inédito comercialmente em Portugal

Uma sessão bastante “doméstica”, como esse prolongamento da casa, muito tipicamente britânico, que é o jardim. A exceção, embora seja um filme sobre um regresso a casa, é o primeiro, **The Drift Back**, um dos raríssimos filmes de Margaret Tait feitos com uma estrutura de produção mais ou menos convencional. Foi uma encomenda, ou dito de maneira mais correcta, um trabalho para que Tait se ofereceu, de forma graciosa, sem pedir nenhuma remuneração. Um organismo regional do arquipélago das Orkneys estava interessado em produzir uma série de filmes (o *Orkneys Magazine*) sobre assuntos das ilhas, e o filme de Tait lançou essa série, que depois teve outras continuações. É um momento em que se vê Tait a trabalhar na esteira da famosa “tradição documental britânica”, com um fortíssimo sentido do lugar e uma

preocupação de documentação sociológica isenta de didactismo. As pessoas que “drift back” são as que o filme segue, gente que volta às ilhas (a ilha de Wyre, neste caso) depois de algum tempo a viver fora, e numa época em que a despovoação das Orkneys era um problema.

Vinte anos depois, é a própria Margaret Tait que “drift back”. **A Place of Work** e **Tailpiece**, filmes do mesmo ano e filmes que nascem do mesmo movimento (**Tailpiece**, como o título indica, vem como “cauda” de **A Place of Work**), são um regresso à casa em que viveu na infância, numa altura em que estava prestes a ser demolida. É um “lugar de trabalho” porque Tait voltou a viver na casa para fazer o filme, e portanto “viver lá” e “trabalhar lá” eram a mesma coisa. “Queria definir um lugar, ou o sentido de se estar num lugar, não como uma restrição mas como uma abertura a mil variações possíveis”. Daí um filme, ou um par de filmes, bastante móvel, cheio de movimentações, com uma organização semi-estruturalista na definição dos movimentos pelo interior e pelo exterior da casa, mais fantasmático **Tailpiece** (que mostra a casa essencialmente vazia, à beira de ser entregue ao município para a demolição), mais naturalmente vivo **A Place of Work**, sobretudo nos lindíssimos planos do jardim, que tornam a observação da flora numa reflexão sobre o tempo (a passagem das estações) e sobre os ciclos regeneradores da natureza.

Garden Pieces, um filme-trilogia, foi a derradeira obra de Tait (que morreria cerca de um ano depois da sua conclusão) e, mais de duas décadas depois dos filmes anteriores, prossegue a investigação dos jardins (e da sua flora) como espaços essencialmente poéticos, visual e evocativamente poéticos (a música, mas também a palavra: “grove”, neste caso, “grove is a holy place”), mas sem nenhum sentido fechado, sem forçar nenhuma conclusão. São filmes que mostram, e sobretudo que sugerem (dirigem-se às próprias associações de ideias, memórias, evocações, do espectador), sem nunca “dizerem”. É muito “plástico” (sobretudo os segmentos com desenhos feitos directamente na película), mas não é um “efeito” que se procura, antes a criação de um ambiente poético e sensorial, imagem + som, que se relaciona com a “passagem” (a natureza sugere “vida” tanto quanto sugere “morte”) mas de forma absolutamente serena:

*“Nothing and nowhere stays as it is
..... so that the particular time
of the grove being seen -
our view of it, the feeling about it,
and the sounds heard there
all have a
there and then and never again quality.”*

E a “then and never again quality” é, resumidamente, o objecto central de todas as buscas de Tait.

A sessão fecha com um curto filme de um “herdeiro” de Margaret Tait, Peter Todd, **Together**, muito evocativo, mas muito “material” (todo o arsenal de objectos da hora do chá, mais a sua ritualística), que passa bem a sensação de um tempo presente mas inapelavelmente marcado por todos os fantasmas que “never again”.

Luís Miguel Oliveira